

## Gêneros do discurso e formação de professores de línguas

Edilson Teixeira

### 1. Apresentação

O propósito deste trabalho é discutir os conceitos de gêneros do discurso, gêneros textuais e letramento, em relação com o ensino de línguas e formação docente. No âmbito institucional educativo, a comunicação é o principal foco dos professores de língua e os gêneros do discurso são os que a habilitam. Por isso, estudá-los supõe abordar a interação na sala de aula conjuntamente com seus fatores sociais e culturais.

### 2. Os gêneros de discurso/texto

Nas práticas discursivas associadas ao ensino de línguas nos âmbitos institucionais, os gêneros textuais<sup>1</sup> são “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” (Bronckart 2001). De acordo com Meurer (2000: 150), os “Gêneros textuais são formas de interação, reprodução e possível alteração sociais que constituem, ao mesmo tempo, processo (Kress, 1993) e ações sociais (Miller, 1984) e envolvem questões de acesso e poder”.

Em termos didáticos, as definições e formas de trabalho apresentadas por Marcuschi (2002) são muito úteis; distingue *tipo textual* de *gênero textual*, entende que os *gêneros textuais* não são construtos teóricos determinados por propriedades linguísticas intrínsecas (assim descreve *tipo textual*), senão realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas. A noção de *tipo textual*, de natureza linguística por sua composição lexical, sintática, verbal e lógica, se manifesta em cinco formas: a narração, a argumentação, a descrição, a exortação e a exposição.

Estas cinco formas de processos linguístico-textuais é o que Meurer (2000) explica como *modalidade retórica*, dizendo que constituem as estruturas

<sup>1</sup> Os gêneros textuais de Aristóteles se distribuíam em três categorias, depois passaram a fazer referência a categorias literárias bastante sólidas que se foram ampliando y subdividindo hasta entrar em crise, hoje a noção de gênero se ampliou para toda a produção textual. Esta diversidade progressiva da categoria levou a que se dissolvesse a noção de gênero textual. São chamados gêneros textuais por Marcuschi (2002-2006), Meurer (2000) e Oliveira (2009), pelo contrário Rojo (2008) fala de gêneros do discurso/texto.

e as funções textuais para organizar a linguagem sem ter em conta as funções comunicativas. Tanto Marcuschi (2002) quanto Meurer (2000) reconhecem que os gêneros são mais amplos, Meurer diz que tem tantos gêneros como situações sociais convencionais onde são usados nas suas funções também convencionais. A exemplificação de gêneros feita por ambos os autores são com cartas, chamadas telefônicas, receitas, notícias, cardápios, leis, relatórios, etc.

Bakhtim (1997) indica que a “construção composicional”, o “conteúdo temático” e o “estilo” são as três características importantes dos gêneros. Também trata os gêneros como atividades enunciativas “relativamente estáveis”. Porém, reconhece a “transmutação” sobre a assimilação de um gênero por outro criando novos gêneros. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras; assim, Kress (2003) propõe que essa mobilidade permite uma “hibridização” ou “mesclagem” de gêneros que pode se chegar a que não haja mais “categorias de gêneros puros e sim apenas fluxo”.

Oliveira (2009) reflete sobre o uso do termo tanto na teoria quanto na prática, observando uma confusão no seu significado. Por sua vez Rojo expressa que:

“uma aproximação dos gêneros textuais [...] enfatiza uma abordagem das formas do texto e do contexto, em termos pragmáticos ou funcionais [...] do ponto de vista dos professores na sala de aula e não se diferencia muito das teorias anteriormente assimiladas, a não ser pelo fato de criar uma categoria mais entre o texto e o tipo: o gênero” Rojo (2008:98).

Em uma exposição, com observações sobre a configuração, dinamicidade e circulação dos gêneros textuais, Marcuschi conclui com algumas de suas posições a respeito:

“- Não é prioritário classificar os gêneros, pois, eles são muitos, fluidos, não sendo possível catalogá-los. - Não é prioritária a análise da forma como tal nem da estrutura, e sim da organização e das ações sociais desenvolvidas, bem como dos atos retóricos praticados. [...] - O estatuto genérico de um texto não é algo imanente como propriedade inalienável, mas relativo ao seu funcionamento na relação com os atores envolvidos e as condições de enunciação. - Os gêneros organizam nossa fala e

escrita assim como a gramática organiza as formas linguísticas (Bakhtin, 1979). Assim, pode-se dizer que os gêneros são um tipo de gramática social, isto é, uma gramática da enunciação. - O ensino com base em gêneros deveria orientar-se mais para aspectos da realidade do aluno que para os gêneros mais poderosos, pelo menos como ponto de partida [...]” Marcuschi (2006)

### 3. O ensino com os gêneros

A multidimensionalidade dos gêneros liga as exposições de duas autoras (Rojo 2008 e Oliveira 2009); em suas análises salientam o conteúdo, a linguagem, o estilo, o formato, a organização retórica, o tom e os aspectos visuais. Os gêneros são dinâmicos, plásticos e imprevisíveis; entrecruzam-se e desaparecem segundo os aspectos sócio-comunicativos.

Por isso, no que diz respeito à sua didatização, não existe um consenso nas diferentes abordagens na sala de aula. Estas duas autoras observam que os professores em seus discursos utilizam os termos gênero e letramento de maneira indistinta, sem apropriação.

“Diferentes concepções de gênero e de letramento resultam em diferentes práticas [...] corresponde [...] a ensinar **com** os gêneros e não **sobre** os gêneros [os reais são meus], considerá-los como elemento organizador da ação de ensinar” (Oliveira 2009:17).

Rojo (2008) ressalta também a importância do trabalho **com** os gêneros textuais e não **sobre** os gêneros textuais. Para Bunzem (2004), o conceito de gênero textual questiona e desestabiliza as práticas de ensino vistas como problemáticas ou tradicionais.

“Os objetivos dos currículos estão voltados às competências e capacidades de leitura/escrita e de fala/escuta, mas os gêneros [...] aparecem como objetos capazes de desenvolvê-las. Todos os referenciais enfocam a linguagem e a *língua em uso*, por meio de *práticas situadas* para a *cidadania*, o que por si só já convoca as noções de texto, gênero e discurso” Candlim (1993, em Rojo 2008:76).

Assim, trabalhar com gêneros permite responder de “maneira mais adequada [...] aos diferentes usos da linguagem e sua interface com o exercício da cidadania, isto é, o exercício de compreender a realidade e agir sobre ela, participando das relações sociais e políticas cada vez mais amplas e diversificadas” (Meurer 2000:152).

### 3.1. O letramento

Oliveira (2009:3) revela que os professores ensinam “gêneros textuais segundo uma perspectiva de letramento”, mas sem a apropriação dos conceitos e sem saber utilizá-los realmente. Suas reflexões e as de Rojo (2008) permitem pensar que além do gênero é preciso compreender os fenômenos vinculados, como o letramento, prática social plural motivada por princípios ideológicos. Para compreender esta relação, deve-se determinar o gênero segundo a abordagem teórica, o destinatário e a concepção de letramento; conhecer e definir qual é o projeto político-pedagógico que a inclui e sustenta.

O letramento é de natureza múltipla (Oliveira 2009). No letramento “*cultural*” o estudante domina um maior número de gêneros para circular em muitas esferas discursivas. No letramento “*crítico*” se apropria dos gêneros que lhe sejam úteis e se proporciona ferramentas exclusivas para usá-las em determinados contextos. Este letramento serve para analisar e desafiar as forças opressoras da sociedade, desta maneira, se torna mais justa, igualitária e democrática na formação de cidadãos mais críticos. As ideologias estão materializadas nas práticas discursivas e sua investigação inclui necessariamente o estudo de seus componentes ideológicos.

Os gêneros podem ser objetos de ensino, se sua apropriação ocorre de modo situado. Caso se entender o ensino como instrução, não se ensinarão os gêneros, senão sua dimensão textual. Ao ensinar **com** os gêneros e não **sobre** os gêneros, se priorizam as práticas discursivas. Deste modo, os projetos de letramento são uma ótima proposta, já que procedem do interesse dos estudantes e permitem atingir fins que vão além da aprendizagem da língua em seu aspeto formal (Kleiman 2000).

Hoje, pretende-se ensinar as línguas por meio do uso de gêneros textuais, apresentando os diferentes conteúdos da disciplina (Rojo 2008). Entrando no século XXI, Brasil passou da oralidade para a sociedade de massas onde

as novas tecnologias mudaram os parâmetros para a formação do cidadão e as necessidades educacionais. Isto levou aos diversos letramentos e ao entendimento de um mundo multisemiótico. Ensinar a usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é uma tarefa crucial da escola para a construção da cidadania (Moita Lopes & Rojo 2004).

### **3.2. A transdisciplinaridade**

Oliveira (2009) promove as práticas transdisciplinares e os projetos de letramento. Isto permite a contextualização do trabalho com os gêneros textuais. Por sua vez, Rojo (2008), seguindo a Signorini (1998), apresenta os conceitos de multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, com base na complexidade multidisciplinar do objeto de estudo como condição do trabalho transdisciplinar. Deste modo, é indispensável reconstituir o objeto no seu campo, mas não em função do campo epistemológico das disciplinas de referência, senão a través de uma reinserção do objeto nas redes de práticas e instituições que lhe dão sentido no mundo social (Signorini 1998, em Rojo 2008). Acrescenta, ainda, que os linguistas aplicados (LA) seguem esta linha de trabalho gerando configurações teórico-metodológicas próprias, que não coincidem nem se reduzem às contribuições das disciplinas de referência.

O estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua e as atividades culturais e sociais. A privação linguística e cultural sofrida pela população tem sido objeto de investigação no Brasil, com um ponto de vista próprio. Rojo (2006) defende que para “construir uma articulação do ponto de vista e da apreciação valorativa sobre o problema ou sobre o objeto em estudo, se faz necessária a *leveza* do pensamento (ancorada no peso do objeto), que vem sendo chamada de *transdisciplinaridade*”.

### **4. A formação de professores de língua**

Halliday (1978), expressa que na visão funcional aprender a LM significa desenvolver competência no uso de crescentes funções da linguagem. Ampliando, propõe que a aprendizagem da linguagem humana (LM e LE) seja vista como o desenvolvimento da competência no uso de um número crescente

de gêneros textuais. Essa competência engloba a capacidade de compreender de forma também crescente as práticas discursivas e as relações sociais associadas ao uso dos diferentes gêneros.

Sobre a formação de profissionais da linguagem, Meurer (2000) apresenta insumos baseados nos gêneros textuais e na noção de estrutura do sociólogo Giddens, revela que as regularidades textuais e discursivas compreendem a investigação e aprendizagem sobre a matriz retórico-organizacional típica de cada texto, seu léxico e sua gramática, mas também assuntos relacionados a quem produz, quem distribui e quem “consome” os diferentes textos, quais são as intenções explícitas ou não e como os textos adquirem coerência. Reconhece, também, que as regras específicas, normativas e códigos de significação, precisam ser investigados. Sua proposta envolve mudanças substanciais na formação do professor de língua; suas considerações têm caráter acadêmico e político.

Meurer (2000) percebe que as regularidades socioculturais compreendem a investigação da motivação para a existência do texto, assim como da hegemonia e ideologia, isto é, um maior ou menor grau de poder e as diferentes maneiras de conceber as realidades implícitas no uso de diferentes textos. Diversos recursos autoritários entram em ação e também precisam ser estudados pelos profissionais da linguagem.

Portanto, cabe à formação de docentes de língua, como profissionais da linguagem, desenvolver competências de análise e de transposição didática para o trabalho com os gêneros. Corresponde fazer este processo com o reconhecimento de que os diversos gêneros estão inseridos em diferentes estruturas sociais, que as constituem, mantém e transformam, mediante as práticas sociais de interação discursiva.

## **5. Atividades com os gêneros do discurso no Curso de Língua Portuguesa III do “Instituto de Profesores Artigas” (IPA) – Montevideú**

As atividades foram articuladas em duas modalidades. Parte *Teórica*:

- Discussão de propostas teóricas (a partir da bibliografia deste artigo),
- Apresentação oral de convergências e divergências de duas propostas relacionadas e
- Entrega de uma resenha crítica sobre os gêneros do discurso. Exemplos da parte *Prática*:

Material: 1- Manual do Candidato Exame Internacional de Língua Portuguesa CELPE-Bras/2006 (Tarefa III “Tabuleiro popular”)

Tarefa: 1- Em equipes, realizar o planejamento do texto solicitado segundo o comando. Especificar e explicar cada passo dos procedimentos envolvidos para a produção desse texto. Espera-se que com a leitura desse planejamento qualquer pessoa possa realizar o texto da Tarefa III sem precisar ler o texto “Tabuleiro popular”. 2- Apresentação dos diferentes planejamentos. 3- Discussão sobre esses planejamentos.

4- Aplicação com outros estudantes (primeiro ano). 5- Avaliação dos textos produzidos pelos estudantes de primeiro ano e reflexões a partir dos resultados. 6- Debate sobre a experiência compartilhada entre os grupos e professores de Língua I e III no Curso de Formação de Professores de Português do IPA- CFE- ANEP.

Material: 1- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2004. 2- Entrevista escolhida. 3- Normas Técnicas para Trabalhos Acadêmicos da ABNT. <http://www.abnt.org.br/>

Tarefa: 1- Escolher uma entrevista (2 minutos). 2- Transcrever a conversa (transcrição global). 3- Retextualizar essa transcrição. 4- Explicar os processos dessa retextualização para chegar ao texto final. 5- Realizar uma reflexão acerca dos estudos sobre gêneros textuais, a atividade feita entre os estudantes e esta prática de retextualização.

Material: 1- Entrevistas, transcrições e retextualizações. 2- Teorias e modelos de Análise do Discurso e de pragmática.

Tarefa: 1- Analisar as entrevistas, a partir do reconhecimento das estruturas linguísticas e discursivas para chegar aos conteúdos sociais e ideológicos.

## **6. Considerações finais**

O mundo globalizado exige mais compreensão do universo ‘textualizado’. O entendimento e uso de diferentes textos é fundamental para a inserção sociocultural e sucesso profissional. Por isso, devem-se compreender os suportes nos quais estão inseridos e apresentados os textos. É preciso considerar o ‘dinamismo’ e ‘plasticidade’, pelos quais se vão modificando,

surgindo e desaparecendo no transcurso do tempo.

Os autores constatarem que os professores usam os **gêneros textuais** e os **tipos textuais**, mas sem saber o que significam realmente. Destaca-se a proposta de trabalhar ‘**com** os gêneros’ e não ‘**sobre** os gêneros’, assim como a ênfase na consciência da ideologia que se esconde na prática pedagógica mediada pelo professor e pela instituição responsável. Por isso, hoje é possível entender o ‘letramento’ como uma prática social plural, mas sem esquecer que as múltiplas abordagens não têm um consenso sobre os gêneros textuais.

A transdisciplinaridade é apresentada como uma solução e sua aplicação reflete-se na multidisciplinaridade. Esta maneira de constituir o objeto de ensino está presente no atual ensino que utiliza as novas tecnologias para a aprendizagem em diversas disciplinas.

Estas discussões teóricas permitem apreciar suas diferentes problemáticas a respeito de gêneros e letramento, assim como perceber que o estudo do discurso pode orientar o ensino de línguas. Articulá-las leva a compreender as preocupações dos profissionais que pesquisam o uso e aprendizagem da língua nas variadas situações sociais.

Assim, cabe refletir sobre que materiais se podem usar e como abordá-los, principalmente na formação de professores. Trabalhar os diversos aspectos da linguagem por meio dos gêneros textuais pode torná-los mais interessantes e levar ao estudante a refletir sobre seu uso e contexto de aplicação. A função comunicativa tem relevância através dos gêneros, portanto, pode-se realizar o letramento em todas suas possibilidades.

## 7. Referências bibliográficas

Marcuschi, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade, em: Dionísio, A. P. et al (orgs). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro. Lucerna: 19-36.

\_\_\_\_\_(2004). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_(2006). *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*, em: Karkowski, Acir Mario, Beatriz Gaydeciska e Karim Sebeneicher Brito (orgs). *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. Rio de Janeiro. Lucerna: 23-36.

Meurer, J. L. (2000). O Conhecimento de Gêneros Textuais e a Formação do



Profissional da Linguagem, em: Fortkamp, Mailce B. M. e L. M. B. Tomitch (orgs) *Aspetos da Lingüística Aplicada. Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis. Insular.

Oliveira, M. S. (2009). *Gêneros textuais e letramento*, em VSIGET. Universidade de Caxias do Sul.

Rojo, R. (2008). Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium?, em: I. Signorini (org.) *(Re) Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo. Parábola: 73-108.